

Como agem as funções protetoras do Universo

MARÇO DE 2005 — EDIÇÃO Nº 439

Convidados Osmar Tadashi Tajima, vice-coordenador da DS da BSGI; Silvia Akemi Nagayama, vice-coordenadora da DF da BSGI; e Adriana de Carvalho Monteiro, vice-coordenadora da DFJ da BSGI.

Terceira Civilização — Muitas pessoas, ao abraçarem a prática budista, têm dificuldade de compreender o que são **deuses budistas ou funções protetoras do Universo** e chegam a confundi-los com seres superiores ou sobrenaturais, talvez devido a conceitos aprendidos em outras religiões. Poderiam discorrer sobre o que são, como agem e como ativar essas funções?

Silvia — Todos os dias, pela manhã, iniciamos a recitação do Gongyo oferecendo nossas orações em agradecimento pela proteção das funções do Universo e, ao mesmo tempo, pelo fortalecimento de seu poder de atuação neste mundo conturbado. Mas gostaria de ressaltar que isso não significa que estamos orando para **algo externo** que vem ao nosso socorro quando precisamos. Essa seria uma atitude comodista. Na verdade, no momento de nossa oração ao Gohonzon **ativamos essas funções inerentes** em nossa própria vida.

No budismo, **tudo parte de dentro para fora**, e não o contrário.

Adriana — Essas funções são chamadas de shoten zenjin. “Shoten” significa vários céus. Na Índia antiga, as pessoas pensavam que o céu estava dividido em muitas camadas, e em cada uma delas habitava um deus. As pessoas chamavam esses habitantes celestiais de “shoten”. Já “zenjin” significa “deuses” que trazem a felicidade às pessoas. Shoten zenjin, no Budismo de Nitiren Daishonin, é a manifestação da lei de Nam-myoho-rengue-kyo que mantém tudo no Universo em harmonia.

Tajima — Para simplificar, conforme aprendemos estudando o budismo, as funções protetoras advêm da natureza de Buda. Do ponto de vista de Nitiren Daishonin, essa natureza indica a benevolência (jihi, em japonês) ou a suprema qualidade do Buda que remove sofrimentos das pessoas e proporciona-lhes felicidade. As funções protetoras são **a manifestação dessa nobre qualidade**.

Silvia — Nos tempos antigos as pessoas consideravam as forças dominantes dos elementos naturais como funções protetoras e reverenciavam-nas. **Conforme a cultura** foi se desenvolvendo e os sistemas sociais como as cidades e os estados foram sendo instituídos, o próprio sistema social ou os que mantinham o poder de mover as pessoas passaram a ser considerados como divinos e até mesmo reverenciados como deus. Tanto na Índia como no Japão, os deuses foram símbolos das forças da natureza e de grupos de pessoas. Pode-se dizer, portanto, que os deuses budistas são também expressões simbólicas das condições externas que alimentam a vida humana e ajudam os indivíduos a trabalharem para sua felicidade. Um exemplo comum é o Sol, a Lua e as estrelas. Eles estão intimamente relacionados com nossas atividades vitais e, seus movimentos regulares, são indispensáveis para a continuidade da vida. Por isso eles são considerados deuses ou funções protetoras.

Adriana — Nos sutras de Sakyamuni essas funções são mencionadas como Bonten, Taishaku, Nitten, Gatten, Quatro Deuses Celestiais, entre outros. Além deles, podemos encontrar em alguns sutras os nomes “Dosho” e “Domyo”. Segundo a mitologia indiana,

são dois deuses budistas que vivem sobre os ombros das pessoas desde o nascimento e que registram todos os atos bons e maus para retratá-los ao rei Emma, que julgará suas ações. Eles representam a **lei de causa e efeito** que opera na vida das pessoas.

Tajima — Quando nos relacionamos às funções protetoras do Universo, tendemos a pensar em imagens que possuem força misteriosa e invisível. Porém, estudando as escrituras de Nitiren Daishonin, ele explana que, na verdade, essas forças se manifestam nas **próprias pessoas** e nos **fenômenos naturais** para proteger os praticantes budistas. Ele diz: “Os deuses budistas e as divindades benevolentes assumirão várias formas, tais como a de homens e mulheres, e oferecerão sua ajuda às pessoas que praticam o Sutra de Lótus.”¹

Silvia — Como isso é maravilhoso! Então, as pessoas que estão ao nosso redor, sempre nos incentivando, apoiando e até mesmo nos censurando **podem ser consideradas** deuses budistas. Isso porque, mediante seu sublime apoio, fortalecemos a prática budista e somos conduzidos ao estado de Buda.

E, como diz o presidente Ikeda, nossos companheiros da SGI, aqueles que apóiam o Kossen-rufu e nossas atividades podem ser considerados os maiores deuses budistas ou funções protetoras. Estamos, realmente, rodeados de “deuses”. Isso me deixa muito feliz e tranqüila, pois, muitas vezes, eles aparecem nos momentos que mais precisamos, encorajando-nos com palavras amigas e calorosas. Ou, dependendo da situação, advertindo-nos com palavras rigorosas.

Adriana — Realmente, quando praticamos o budismo, ficamos rodeados de pessoas que nos conduzem ao caminho da felicidade. Basta reconhecermos isso. Lembro-me de um exemplo muito interessante que li certa vez no livro Síntese do Budismo: uma pessoa caminha num deserto embaixo de um sol escaldante. Para ela, o sol pode parecer um demônio querendo roubar sua vitalidade. Entretanto, para outros, ele nutre e dá vida. Dessa forma, desempenha um papel de deus budista. Ou seja, tudo depende da forma como encaramos as influências em nossa vida. Então, as definimos como **benefício ou obstáculo**.

tajima — A prática budista nos **conduz sempre ao melhor caminho**, mesmo que no momento não compreendamos isso. O budismo nos assegura que as funções protetoras atuam, **infallivelmente**, na vida daqueles que protegem a Lei. Por isso, como ensina Daishonin, mesmo que ocorram vários obstáculos e maldades, não precisamos nos desesperar, pois atingiremos naturalmente o estado de Buda, desde que não criemos a dúvida no coração.²

Silvia — O presidente Ikeda orienta: “Pode haver ocasiões em que a pessoa sente-se relutante em realizar o Gongyo ou participar nas atividades pelo Kossen-rufu. Esse estado de espírito é refletido da mesma forma em todo o Universo, como se fosse a superfície de um claro espelho. As funções protetoras se **sentirão também relutantes em desempenhar suas funções** e elas naturalmente falharão em exercer totalmente seus poderes de proteção. Por outro lado, quando as senhoras alegremente realizam o Gongyo e conduzem suas atividades com determinação para acumularem boa sorte, as funções protetoras atuam valentemente em sua vida. De qualquer forma, as ações realizadas espontaneamente e com sentimento de alegria reverter-se-ão em seus próprios benefícios.”³ Em suma, isso corresponde ao princípio de **esho funi** (inseparabilidade do ser e seu ambiente).

Tajima — Persistindo na recitação do **Nam-myoho-rengue-kyo**, sem dúvida alguma perceberemos, futuramente, como fomos protegidos. Para exemplificar, suponhamos que uma pessoa tenha de enfrentar, como efeito de seu carma negativo, uma doença considerada grave. Quanto mais tarde essa pessoa descobrir a doença, pior fica para superá-la. Com a prática, essa pessoa descobrirá essa doença a tempo de ser curada, encontrando um bom médico que a auxiliará na recuperação. Essa seria a atuação das funções protetoras.

Porém, muitas pessoas, mesmo com muito tempo de prática, acabam **questionando o fato** de a doença ter se manifestado cedo, esquecendo, na realidade, que a possibilidade de transformá-la é um benefício da prática e a proteção dos deuses budistas. Afinal, se fosse descoberta mais tarde, poderia não ter cura.

Silvia — É verdade. Outro ponto que gostaria de destacar é que, no budismo, **não existem milagres**, nada acontece por acaso. A proteção está ligada à lei de causa e efeito. Alguns tendem a pensar que, por praticarem o budismo estão sempre sob a proteção dos deuses budistas e, assim, acabam sendo negligentes. Há ainda aqueles que costumam afirmar que, quando algo desagradável lhes ocorre, é porque não houve a proteção dos deuses budistas ou então que o fato ocorreu devido às ações da maldade, como dito anteriormente. Nesses momentos, é fundamental refletirmos sobre a própria atitude com relação à prática e aos demais aspectos da vida diária. Muitas vezes, as próprias pessoas são causadoras de acidentes e responsáveis por passarem por determinada situação por pura falta de bom senso e negligência. O segundo presidente da Soka Gakkai, Jossei Toda, costumava dizer que os **deuses budistas não protegem os descuidados**.

Tajima — Correto. No que diz respeito às maldades, é importante ressaltar que, por serem inerentes à vida, agem de forma imperceptível, não aparentando ser uma maldade. Dessa forma, coloca o indivíduo sob sua influência antes que ele tenha consciência do que está lhe ocorrendo. É nesse momento que muitas pessoas **relaxam na prática** e se deixam levar por suas influências.

Nesse sentido, a recitação do Nam-myoho-rengue-kyo é fundamental para vivermos com base no estado de Buda. De fato, o budismo é uma constante luta do Buda contra a maldade. É uma luta contínua, a todo momento, no dia-a-dia de cada pessoa.

Vivendo com base na natureza de Buda, **podemos vencer quaisquer adversidades**. O estado de Buda representa a face iluminada da vida, enquanto a natureza demoníaca é responsável pela face coberta pela escuridão. A natureza de Buda, inerente em todas as pessoas, ou Nam-myoho-rengue-kyo, é a condição de vida **mais poderosa que existe**.

Silvia — Quando recitamos o Nam-myoho-rengue-kyo, manifestamos uma **infinita esperança** no coração, uma **alegria inesgotável**, fazemos brotar a sabedoria e, assim, todos os budas e funções protetoras de todo o Universo atuam a nosso favor.

A vida torna-se estimulante.

Nada se compara ao poderoso som do Daimoku.

Aqueles que o recitam não têm com o que se preocupar.

Não há nada mais forte do que o Daimoku.

Adriana — A questão da **forte fé** é um fator fundamental para ativar as funções protetoras, conforme também orienta o presidente Ikeda: “Quanto mais forte a nossa fé, maior será a proteção das funções protetoras. No Gohonzon estão contidos os poderes do Buda e da Lei.

E os benefícios desses poderes são extraídos por meio da nossa fé e da nossa prática,

isto é, dos poderes da fé e da prática.

Entretanto, existem pessoas que praticam, mas **no fundo duvidam** que seus objetivos sejam concretizados. Uma vez que oram com dúvidas, naturalmente nada se torna possível.

O fator principal para produzir os benefícios é a **inabalável fé** no Gohonzon, além da **gratidão, sinceridade e determinação**. Diante do poder benéfico do Gohonzon, seus pedidos são ainda pequenos. Por isso, empenhe-se ainda mais na prática da fé e desfrutem grandes benefícios.”⁴

Tajima — O Budismo de Nitiren Daishonin se preocupa com a questão do **estado de vida**.

Por meio da sincera prática diária de Gongyo e Daimoku, construímos e solidificamos um estado de absoluta felicidade.

O presidente Ikeda diz que enquanto realizamos um diálogo com as divindades celestiais e com os deuses do Sol e da Lua como nossos aliados, desenvolvemos um magnífico estado de vida.

Levando em consideração o princípio de **inseparabilidade do ser e seu ambiente**, podemos fazer com que todos os fenômenos do Universo se movimentem em nosso favor.

Silvia — É o que Nitiren Daishonin escreveu em “Sustentando a fé no Gohonzon”:

“Quando se abraça este mandala, **todos os budas e deuses juntam-se ao redor da pessoa**, acompanham-na como uma sombra e protegem-na dia e noite como os guerreiros guardam seu soberano, como os pais amam seus filhos, como o peixe precisa da água, como as árvores e plantas anseiam por chuva ou como os pássaros dependem das árvores. **Deve confiar nele com todo o seu coração.**”⁵

Portanto, ao recitarmos o Nam-myoho-rengue-kyo, as funções protetoras do Universo **são ativadas** para que possamos concretizar nossos objetivos.

Ao dedicarmo-nos às atividades em prol da Lei com alegria, ao combatermos as maldades que tentam obstruir o fluxo do Kossen-rufu e ao **propagarmos amplamente o budismo**, desfrutaremos amplamente a proteção dos deuses budistas.

notas 1. The Writings of Nichiren Daishonin, pág. 35. 2. Cf. As Escrituras de Nitiren Daishonin [END], vol. II, pág. 171. 3. A Grande Correnteza para a Paz, vol. III, pág. 120. 4. Brasil Seikyo, edição nº 1.706, 5 de julho de 2003, pág. A3. 5. END, vol. V, pág. 273.